

Realidade versus “demagogia”

O deputado Delfim Netto (PDS-SP) costuma dizer que o Congresso Nacional é um “retrato fiel” do Brasil. Sem descer a detalhes, ele prefere omitir o fato de que esse retrato deixa de ser fiel quando se trata de algumas regalias com as quais o Legislativo é brindado — embora não seja uma exceção entre os Três Poderes da República.

Delfim Netto deixou de comparar, no “retrato” da sociedade que pretendeu identificar no Congresso, a disparidade entre o salário mínimo hoje vigente no País e os vencimentos que os parlamentares reivindicam para si mesmos. Também deixou de referir-se ao fato de que são raríssimos os casos em que trabalhadores brasileiros podem faltar sete dias

consecutivos ou 45 dias alternados ao serviço sem estar sujeitos à perda do emprego. Mesmo convivendo com a realidade de que um salário de NCz\$ 7.787 pode se desgastar em pouco tempo diante da inflação brasileira, os parlamentares inapelavelmente têm que encarar de frente a realidade de que isso significa quase 100 vezes o salário mínimo do País, que a maioria prefere não alterar, citando um suposto risco de fazer “explodir” a economia brasileira.

O líder em exercício do PFL, deputado José Teixeira (MA), considera demagogia fazer qualquer comparação entre votação de salário mínimo ou lei salarial e a votação de matéria que lhes permite aumentar seus próprios vencimentos. Segundo ele, “uma

coisa não tem nada a ver com a outra”, e aliás, acrescenta: “Lei salarial não deveria nem ser votada pelo Congresso”, pois é matéria que deve ser discutida “apenas entre trabalhadores e empresários”.

Embora rejeite a “mania de se querer lei para tudo”, Teixeira defende que exista uma “Lei de Greve”. Na comparação inevitável entre o salário mínimo e o salário dos parlamentares, ele prefere não se definir. Segundo disse ontem, são “tantas” as propostas sobre salário mínimo, que o seu partido ainda não se fixou sobre nenhuma delas. Quanto ao salário dos parlamentares, o PFL deixa a questão em aberto: “É decisão de foro íntimo. Cada um vota como quiser”, sentenciou. G.M.)